

TEATRO GIL VICENTE

SÁBADO · 15 JUNHO · 21,30

ORTO · CONCERTO · CONCERTO · CON

Olga Prats
a pianista

os cantores

Dulce Cabrita · Celeste Lino · Manuel Pico

o compositor e regente

Fernando Lopes Graça

CORO da Academia de Amadores de Música

promovido pelo coral dos estudantes de Letras

"A obra musical (como a obra de poesia ou a obra de pintura) é o produto de uma equação entre o artista e o seu meio. Tem que corresponder às necessidades ou às solicitações deste: e, marcada embora pelo génio individual do artista, pela sua capacidade de transformação ou de transfiguração, quando é realmente representativa é porque encarna ou dá satisfação ao "estado de espírito" de um momento histórico, de um povo ou de uma classe".

FERNANDO LOPES-GRAÇA

Uma cronologia da vida de Fernando Lopes-Graça, uma tábua das suas obras, uma recolha de críticas e opiniões a seu respeito, desenharam em verdadeira grandeza e nitidez o perfil de um artista, de um intelectual, português do fundo negro da noite salazarista e de seus herdeiros. Nascido em Tomar, no dia 17 de Dezembro de 1906, aflora os vinte anos quando da instituição da ditadura, em 28 de Maio de 1926, e toda a sua vida é uma luta contra o obscurantismo fascista, por uma cultura viva, por uma música verdadeiramente nacional. Compositor, concertista, investigador, ensaísta, crítico, tradutor, colaborador, durante muitos anos assíduo, da "Presença", da "Seara Nova" (de que foi secretário de redacção), de "Vértice", nunca enjeitou os seus deveres de cidadão, participando nas lutas populares pela conquista da democracia - foi, por exemplo, membro da Comissão Distrital de Lisboa do Movimento de Unidade Democrática (MUD). Por isso sofreu a injustiça de ver invalidados os resultados de vários concursos em que se classificou em primeiro lugar, de ver recusada a audição das suas obras, foi perseguido e preso. "Marchas, Danças e Canções" (1944-45) e "Heróicas" (1946-60) são justamente o resultado da sua integração nas lutas do povo português pelas liberdades fundamentais e pela democracia: com letras de poetas de tendência neo-realista, foram cantadas no tom alto e livre dos comícios e dos festivais e entoadas, muitas vezes, a meia voz, nas prisões e reuniões clandestinas do mundo concentracionário em que vivemos. Porque a luta que as inspirou se mantém viva, essas canções são ainda a voz e a palavra da verdade do nosso povo e do seu combate. Canta-as desde o seu nascimento o Coro da Academia de Amadores de Música (de início Coro do Grupo Dramático Lisbonense) com um fervor e um saber transmitidos ao longo de quasi trinta anos de voz a voz.

PROGRAMA

Primeira parte

SETE CANÇÕES HERÓICAS

1. Acordai (J. Gomes Ferreira)
2. Jornada (J. Gomes Ferreira)
3. Mãe pobre (Carlos de Oliveira)
4. Convite (Antunes da Silva)
5. Crucifixo (Afonso Duarte)
6. Firmeza (J. J. Cochofel)
7. Cantemos o Novo Dia (Luísa Irene)

Coro da A.A.M.

Ao piano: Olga Prats

SEIS CANÇÕES REGIONAIS PORTUGUESAS

1. O milho da nossa terra
2. Os homens que vão prá guerra
3. Vai colher a rosa
4. A moda da Rita.
5. Deus te guarde, pastorinha
6. Canta, camarada, canta

Coro da A.A.M.

Direcção de Fernando Lopes Graça

Segunda parte

OITO CANÇÕES DAS BARCAS NOVAS

(Sobre poemas de Fiama Hasse Pais Brandão)

- | | |
|---|--------------------------|
| 1. Barcas Novas | 5. As covas |
| 2. Sebastião Rei | 6. Comemorações |
| 3. Poema para mulher que trabalha
de sol a sol | 7. Poema sobre paz |
| 4. As espécies de homens | 8. Poema sobre Esperança |

Celeste Lino (soprano)

Manuel Pico (barítono)

Olga Prats (piano)

QUATRO CANTOS DE SOPHIA

(Sobre poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen)

1. Pranto pelo dia de hoje
2. Carta aos amigos mortos
3. Pátria
4. Ressurgiremos

Dulce Cabrita (mezzo soprano)

F. Lopes-Graça (piano)

Terceira parte

CINCO CANÇÕES REGIONAIS PORTUGUESAS

1. Maria da Conceição
2. Canção da vindima
3. Sete varas tem
4. Inda agora aqui cheguei
5. A Senhora d'Aires

Coro da A.A.M.

CINCO CANÇÕES HERÓICAS

1. Ronda (J. J. Cochofel)
2. Combate (Joaquim Namorado)
3. Livre (Carlos de Oliveira)
4. Canto de Esperança (Mário Bionfácio)
5. Canto de Paz (Carlos de Oliveira)

Coro da A.A.M.

Ao piano, Olga Prats

Direcção de Fernando Lopes Graça

Tanto as canções originais como as harmonizações dos cantos regionais portugueses são da autoria de Fernando Lopes Graça

TEXTOS POÉTICOS

SETE CANÇÕES HERÓICAS (1ª parte)

1. Acordai (J. Gomes Ferreira)

Acordai,
homens que dormis
a embalar a dor
dos silêncios vis!
Vinde, no clamor,
das almas viris,
arrancar a flor
que dorme na raiz!

Acordai,
raios e tufões
que dormis no ar
e nas multidões!
Vinde incendiar
de astros e canções
as pedras e o mar,
o mundo e os corações...

Acordai!
Acendei
de almas e de sóis,
este mar sem cais,
nem luz de faróis!
E acordai, depois,
das lutas finais,
os nossos heróis,
que dormem nos covais.

2. Jornada (José Gomes Ferreira)

Não fiques pra trás, ó companheiro,
é de aço esta fúria que nos leva.
Pra não te perderes no nevoeiro,
segue os nossos corações na treva.

Vozes ao alto!

Vozes ao alto!

Unidos como os dedos da mão
Havemos de chegar ao fim da estrada,
ao sol desta canção.

Aqueles que se percam no caminho,

que importa! chegarão ao nosso brado
porque nenhum de nós anda sózinho,
e até mortos vão ao nosso lado.

Vozes ao alto!

Vozes ao alto!

etc.

3. Mãe pobre (Carlos de Oliveira)

Terra Pátria serás nossa,
mais este sol que te cobre,
serás nossa,
mãe pobre de gente pobre.

O vento da nossa fúria
queime as searas roubadas;
e na noite dos ladrões
haja frio, morte e espadas.

Terra Pátria serás nossa,
mais os vinhedos e os milhos,
serás nossa,
mãe que não esquece os filhos.

Com morte, espadas e frio,
se a vida te não remir,
faremos da nossa carne
as searas do porvir.

Terra Pátria serás nossa,
livre e descoberta enfim,
serás nossa,
ou este sangue a teu fim.

E se a loucura da sorte
assim nos quiser perder,
abre os teus braços de morte
e deixa-nos aquecer.

4. Convite (Antunes da Silva)

Vinde ver a Primavera,
Vós que sois da minha terra,
Na raiz de cada chão
Nasce um canto contra a guerra.

Vinde ver o sol fecundo
E abraçar a ventania,
Nas vozes de cada fome
Há gritos de rebeldia.

Vinde,vinde!

6.Firmeza (João José Cochofel)

Sem frases de desânimo,
nem complicações de alma,
que o teu corpo agora fale,
presente e seguro do que vale.

Pedra em que a vida se alicerça,
argamassa e nervo,
pega-lhe como um senhor
e nunca como um servo.

Não seja o travor das lágrimas
capaz de embargar-te a voz;
que a boca a sorrir não mate
nos lábios o brado de combate.

Olha que a vida nos acena
para além da luta .

Canta os sonhos com que esperas,
que o espelho da vida nos escuta.

7.Cantemos o Novo Dia (Luisa Irene)

Olhai que vamos passar,
nosso canto é de verdade;
vinde conosco lutar,
nós somos a liberdade.

A terra está toda em flor,
o céu é todo alegria,
a nossa voz é de amor,
- cantemos o Novo Dia!

Ó jovem que és cavador,
semeia,hás-de colher.

A papoila é nossa flor,
o trigo é nosso querer.

Toda a palavra é de amor,
a hora é nossa,confia,
nosso olhar tem mais fulgor,
- cantemos o Novo Dia!

Há seiva forte a brotar,
novas folhas a nascer,
a Primavera a chegar,
os homens querem viver.

A juventude é mais moça,
quando o amor principia,
pois se a vida é toda nossa,
- Cantemos o Novo Dia

2ª parte

OITO CANÇÕES DAS BARCAS NOVAS (Fiama Hasse Pais Brandão)

1.Barcas Novas

Lisboa tem suas barcas
agóra lavradas de armas:

Lisboa tem suas barcas
agóra lavradas de homens

Barcas novas levam guerra
as armas não lavam terra

São de guerra as barcas novas
ao mar deitadas com homens

Barcas novas são mandadas
sobre o mar com suas armas

Não lavram terra com elas
os homens que levam guerra

Nelas mandaram meter
os homens com sua guerra

Ao mar mandarem as barcas
novas lavradas de armas

Em Lisboa sobre o mar
armas novas são mandadas

2.Sebastião Rei

Não chegou de manto
nem com lenço e pranto

Não entrou a barra
com pendão e amarra

Nã• veio em ginete
com a sua gente

Nã• voltou da guerra
com os mortos dela

Não voltou de púrpura
com ferida ou estura

Não voltou de coroa
nem cepto a Lisboa

Não veio da batalha
com traje de gala

Não trouxe burel
nem viseira e elmo
Nem trajou de estopa
Nem demandou porto
Não veio doente
nem com mantimentos
Não chegou na frota
ou deu à costa
Nem alçou pendão
nem selo de mão
Nem veio às matinas
com saio de linho
Nem calçou pelica
com fivela e vira
Não voltou ao cais
nem em mês ou ano
Perdeu arraiaiais
e tendas de pano
Não chegou de manto
nem com lenço e pranto

3. Poema para mulher que trabalha de sol a sol

Trabalho o sol traz
e o sol te leva
essa carga
não leves
A enxada é carga
mulher tu não podes
esse peso
não pedes
Pesa-te o trabalho
a carga que levas
mulher
não caves
A enxada pára
mulher não é leve
a ela
não cedas
Noutra arma pega
mulher é mais leve
com ela
fere
Essa arma leva
mulher o seu peso

nega
o medo

4. As espécies de mortos

Há aqueles que morrem
com muitas espadas
no sangue coalhado

Há aqueles na cama
que morrem no corpo
consigo deitado

Há aqueles que morrem
com cavalo e sela
e fato completo

Há aqueles de amor
que morrem de tiro
com o coração

Há aqueles que morrem
por já ter caixão
e ser a idade

Há aqueles de luto
que morrem também
como o defunto

Há aqueles que rim
com navalha erta
por causa do gume

Há aqueles de armas
que morrem em fila
organizados

Há aqueles que morrem
por não terem cura
e têm parentes

Há aqueles doentes
que morrem no fim
e depois há missa

Há aqueles que morrem
com a mesma morte
e vida pior

Há aqueles de fome
que por isso morrem
e nem trazem vida

Há aqueles homens
que não têm vida
e morrem pior

5. As covas

A história tem os sinais
o rumor demais
as covas o pátio
o pátio dos mortos
os reis em coxins
e muito debaixo
deles as raízes
e mais abaixo ainda
debaixo das covas
os pães os países
dos camponeses

O escorço dos frutos
é mais um sinal
os preços os lutos
e o fio de metal
do seu armamento
A história é o tempo
que medem as messes
que têm dentro
da área rezes

As lutas campais
em que morre o gado
o rumor a dor
são duplos sinais
do aproveitamento
de chifres ou mãos
em fechos adornos
que excedem o pão
que há para os mortos

Demais rumor
o do gado em cova
esse que aproveitam
para adereços duros
e para as indústrias
por o arrendamento
dos cascos e mãos
ser um dos sinais
do valor do pão

A dor como o gado
tem os seus locais
que no subsolo
são os sinais
de que o pão e os homens
são os mais mortais
ossos e mais duros
que a História introduz
na área das covas

6. Comemorações

Se se comemora
o fio da espoura
não esqueço a costela
do cavalo nela
ou seja na espoura

Se se comemora
o travo do sarro
sabe-se do vinho
que é o caminho
da mão para o travo

Se se comemora
o bojo da anfora
de qualquer clarão
jorra o coração

a sua metáfora

Ou se comemora
se se comemora
duração do enlace
une a fome ao budo
une o verso à face

Se se comemora
o senhor da fome
ou lhe chamo pobre
ou lhe chamo nobre
ou não lhe dou nome

Quem o comemora
bem o comemora
une o pobre ao rico
une a prata ao visco
adula a justiça

Se se comemora
gaze da cortina
fala-se na espera
ouro de outra era
manhã com neblina

Se se comemora
vêm naus da Índia
luta-se a cutelo
com a sua fímbria
por um halo velho

Se se comemora
aço de armadura
verdade é que dura
mais a armadura
que o corpo debaixo

Se se comemora
a pena da lei
eu que a invoquei
sacio o desejo
de escrever à pena

7. Poema sobre paz

À terra o braço dá
sua medida
na terra arado move
e a fábrica
Que mova terra agora
e o arado
que lavre nela pedra
quando move

Em pedra o braço faz
a sua fábrica
e nela move a paz como
um arado

Que arado mova nela
agora a paz
e a paz ao braço
dê sua medida

8. Poema sobre esperança

Quem aqui espera
está assim estando
alguém aqui sentado
e a sua esperança

Alguém aqui já esteve
e o desespero
Quem esteve aqui sentin
do e desespera

Aqui se espera e está
em nosso assento
aqui em esperança esta
mos nós sentindo

Ao desespero aqui
já não assente
quem aqui espera estan
do em sua esperan
ça

QUATRO CANTOS DE SOPHIA (Sophia de Mello Breyner Andresen)

1. Pranto pelo dia de hoje

Nunca choraremos bastan
te quando vemos
O gesto criador ser
impedido
Nunca choraremos bastan
te quando vemos
Que quem ousa lutar
é destruído
Por troças por insídias
por venenos
E por outras maneiras
que sabemos
Tão sábias tão subtis
e tão peritas
Que não podem sequer
ser bem descritas

2. Carta aos amigos mortos

Eis que morrestes - a-
gora já não bate
O vosso coração cujo
bater
Dava ritmo e esperança
ao meu viver
Agora estais perdidos
para mim
- O olhar já não atra-
vessa esta distância-
Nem irei procurar-vos
pois não sou
Orpheu tendo escolhido
para mim
Estar aqui presente on-
de estou viva.
Eu vos desejo a paz
nesse caminho
Fora do mundo que res-
piro e vejo.
Porém aqui eu escolhi
viver
Nada me resta senão
olhar de frente
Neste país de dor e de
incerteza.

Aqui eu escolhi permanecer
Onde a visão é dura e mais difícil.

Aqui me resta apenas fazer frente
Ao rosto sujo de ódio e de injustiça.
A lucidez me serve para ver
A cidade a cair muro por muro
E as faces a morrerem uma a uma
E a morte que me corta, ela me ensina
Que o sinal do homem não é uma
coluna.

E eu vos peço por este amor cortado
Que vos lembreis de mim lá onde o
amor

Já não pode morrer nem ser quebrado.
Que o vosso coração que já não bate
O tempo denso de sangue e de saudade
Mas vive a perfeição da claridade
Se compadeça de mim e de meu pranto
Se compadeça de mim e do meu canto.

3. Pátria

Por um país de pedra e vento duro
Por um país de luz perfeita e clara
Pelo negro da pedra e pelo branco
do muro

Pelos rostos de silêncio e de
paciência
Que a miséria longamente desenhou
Rente aos ossos com toda a exactidão
Dum longo relatório irrecusável
E pelos rostos iguais ao sol e ao
vento

E pela limpidez das tão amadas
Palavras sempre ditas com paixão
Pela cor e pelo peso das palavras
Pelo concreto silêncio limpo das
palavras
Donde se erguem as coisas nomeadas
Pela nudez das palavras deslunbradas

- Pedra rio vento casa
Pranto dia canto alento
Espaço raiz e água

Ó minha pátria e meu centro
Me dói a lua e né soluça o mar
E o exílio se inscreve em pleno tempo

4. Ressurgiremos

Ressurgiremos ainda sob os muros de
Cnossos
E em Delphos centro do mundo
Ressurgiremos ainda na dura luz de
Creta

Ressurgiremos ali onde as palavras
São o nome das coisas
E onde são claros e vivos os contornos
Na aguda luz de Creta

Ressurgiremos ali onde pedra estrela
e tempo
São o reino dos homens
Ressurgiremos para olhar para a
terra de frente
Na luz limpa de Creta

Pois convém tornar claro o coração
do homem
E erguer a negra exactidão da cruz
Na luz branca de Creta

CINCO CANÇÕES HERÓICAS

1. Ronda

(João José Cochofel)

Amor, já se aproxima a hora
de darmos as mãos e dançar.
A ronda que começa agora,
eia agora!
é para nela se bailar.

Mas precisamos ir primeiro,
por uma madrugada fria,
fazer dos anseios bandeira,
na dor temperar a alegria.

Amor, já se aproxima a hora
de darmos as mãos e dançar.
Na ronda que começa agora
eia agora!
hавemos todos de entrar.

Se a vida sã que nos uniu
à morte assim nos entregasse,
seria uma noite mais noite
que a esta noite nos poupasse.

Amor, já se aproxima a hora
de darmos as mãos e dançar.
A ronda que começa agora,
eia agora!
não mais voltará a parar.

E o novo dia se levanta,
vadiando da rua ao telhado.
- Amor, estende a tua manta,
vamos dormir sobre o passado.

2. Combata

(Joaquim Namorado)

Nada poderá deter-nos,
nada poderá vencer-nos.
Vinos do cabo do mundo
Com este passo seguro
de quem sabe aonde vai.

Nada poderá deter-nos,
nada poderá vencer-nos!

Guerras perdidas e ganhas
marcaram o nosso corpo,
mas nunca em nós foi vencido
este certeza sabida
de saber aonde vamos.

Nada poderá deter-nos,
etc.

Os mortos não os deixamos
para trás, abandonados,
fizemos deles bandeiras,
guias e mestres, soldados
do combate que travamos.